

Quem é que faz uma coisa destas? - Estratégias de ratificação de Enunciados Narrativos produzidos em Situação de Interação Oral

Armando J. B. de Morais
Armando.Morais@uab.pt
Universidade Aberta (Portugal)

Abstract:

In this article we will focus on pragmatic-discursive strategies that promote the ratification of a communication contract (Charaudeau, 2002) established between parts when narratives are introduced in the conversation. These strategies not only help to contextualize the narrative according to the specific communication intent, but also function as interactive signals to indicate the end of a conversational narrative and the return to the previous communicative situation.

Therefore, we will begin by identifying the macro-positional borders of the Conversational Narrative linking them to the introduction of a Narrative Communication Contract that will be valid during the time of narration.

Then we will analyze the pragmatic-discursive strategies used at the Coda of a set of 25 narratives, highlighting their textual, configurational and interactive functions.

Keywords: Conversational Narratives, Narrative Communication Contract, Macroproposition Coda, Narratives Closing and Ratification Strategies

Resumo:

No presente trabalho iremos debruçar-nos sobre estratégias discursivo-pragmáticas que promovem a ratificação do Contrato Comunicacional Narrativo estabelecido entre os interlocutores no momento de introdução de um Enunciado Narrativo na conversação. Estas estratégias, ao mesmo tempo que facilitam a construção do(s) sentido(s) do narrado de acordo com a sua intencionalidade comunicativa, cumprem, ainda, funções interacionais na medida em sinalizam o encerramento de uma Narrativa Conversacional e o retorno à situação de enunciação anterior.

Começaremos, assim, por identificar as macroproposições de fronteira de Narrativas Conversacionais que foram realizadas no seio de um *continuum* dialógico superior, associando-as à introdução de um novo contrato comunicacional que vigorará durante o tempo da narração.

De seguida passaremos a analisar as estratégias discursivo-pragmáticas utilizadas no

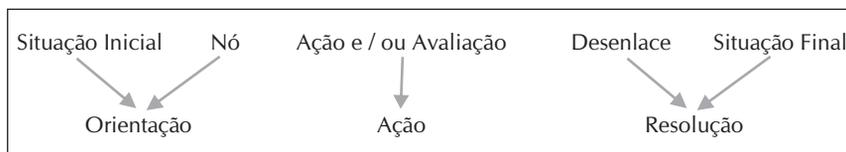
encerramento de um conjunto de 25 Enunciados Narrativos¹, procurando realçar as suas funções textuais, configuracionais e interacionais.

Palavras-chave: Narrativas Conversacionais, Contrato Comunicacional Narrativo, Macroproposição Coda, Estratégias de Encerramento e Ratificação do narrado

1. As macroproposições da Narrativa Conversacional²

Nos seus primórdios, o estudo da Narrativa Conversacional foi perspectivado dentro dos limites do próprio texto, sendo este analisado enquanto unidade estruturalmente autónoma e descontextualizada, que atualiza um modelo enunciativo específico. Este modelo é construído em torno dos módulos organizacionais prototípicos que constituem a Sequência Narrativa Mínima de Adam (1985, 1990), a saber: –Situação Inicial – Nó desencadeador da Ação – Ação e/ou Avaliação – Desenlace – Situação Final – e que poderíamos simplificar através do esquema proposto por Labov (1972) para o Núcleo Narrativo que apresentamos no Quadro 1.

QUADRO 1: As Macroproposições do Núcleo Narrativo



No entanto, o tratamento isolado de um Enunciado Narrativo (daqui para a frente referido como EN), subtraído artificialmente ao fluxo da conversação onde surge, revela-se problemático e deficitário. A análise de uma narrativa produzida no seio de uma interação oral só é viável considerando a sua inserção num texto dialógico de nível superior, em função do qual adquire sentido e relevância. Dito de outra forma, é no quadro da conversação em que

¹ Os referidos Enunciados Narrativos foram selecionados no *Corpus* Morais (2011), constituído pelas transcrições de 53 interações do *Corpus* do Português Fundamental, realizadas a partir das gravações disponibilizadas pelo CLUL e disponível em Morais (2011). Naquele *corpus* selecionámos 25 Enunciados Narrativos em que foram realizadas as macroproposições Coda Avaliação Final.

² Consideram-se Narrativas Conversacionais segmentos textuais construídos sob um esquema narrativo que são introduzidos ao longo de uma interação oral por um dos intervenientes a propósito de um tópico em desenvolvimento ou a desenvolver. Corresponde a reconstruções de memórias de acontecimentos ou de outras histórias sob uma perspetiva específica vinculada ao co(n)texto da sua produção, no qual adquirem uma função comunicativa própria.

surge e através das suas coordenadas situacionais, contextuais e cotextuais que é possível identificar a sua função discursiva e, assim, construir o seu sentido.

Por outro lado, a introdução de um EN na Conversação vem alterar, ainda que por um tempo limitado, o contrato comunicacional existente entre os interlocutores, obrigando o futuro narrador a negociar com o(s)alocutário(s) o novo ato comunicativo que pretende realizar. Esta negociação submetete-se a um protocolo contratual (Bres,1994) através do qual aquele, para além de anunciar a sua vontade de narrar algo, procura motivar o(s)alocutário(s) a aceitar o EN, bem como prepará-lo(s) para a sua realização. O grau de formalização deste Contrato Comunicacional Narrativo, daqui para a frente mencionado como CCN, com um prazo de validade equivalente ao tempo de duração da narração (incluindo, aqui, todos os movimentos de cariz avaliativo que podem ocorrer após o seu desfecho), parece ser condicionado, sobretudo, pelas coordenadas contextuais da situação de enunciação. Dependendo do tipo de interação³ (Entrevista, Conversa Informal, Diálogo em Serviços, etc.) e do papel e posição social dos intervenientes, o futuro narrador sentirá maior ou menor necessidade de negociar o domínio, ainda que momentâneo, do espaço e tempo de interação.

No quadro 2, retirado de Moraes (2011), apresentamos os diferentes movimentos que compõem o protocolo de Negociação do CCN.

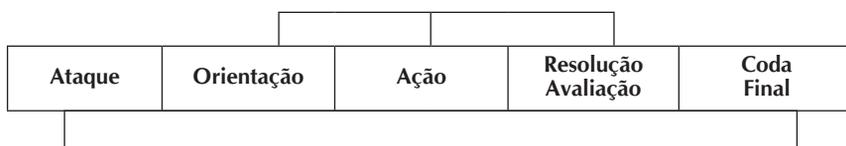
QUADRO 2: Protocolo de Negociação do Enunciado Narrativo

M1	Movimento de Anúncio do EN
M2	Movimento de Justificação do EN
M3	Movimento de Negociação do Acordo: (i) Pedido de Acordo Explícito (ii) Entrega da Decisão ao Interlocutor
M4	Movimento de Aceitação do Interlocutor
M5	Início da Narrativa: Orientação
M6	Movimento de Ratificação do EN (i) Negociação da novidade (ii) Avaliação Finaldo Narrado / da Performance do Narrador

³ Para estudos sobre ENs produzidos em situação de Entrevista ver o trabalho pioneiro de Labov (1972) para o inglês. Para o português, ver Moraes (2004 e seguintes) e Almeida (2005). Em relação a ENs produzidos em situação de Conversa Informal a bibliografia multiplica-se, realçando-se aqui os trabalhos de Tannen (2000 [1989]), Georgakopoulou (1997) e Norrik (2000). Para o português: Moraes (2004 e seguintes) e Rodrigues (2003). No que se refere a ENs produzidos em situação de Diálogo em Serviços ver Quasthof (1980).

Em trabalhos anteriores (Morais, 2004a, 2004b, 2005, 2011), procurámos demonstrar que os procedimentos de negociação da inserção de um EN na Conversação e de negociação da sua relevância para a mesma são identificáveis nas duas macroproposições de fronteira do EN, a saber: o Ataque e a Coda. Assim, e de acordo com autores como Quasthof (1980), Georgakopoulou (1997) ou Norrik (2000), partindo do trabalho pioneiro de Labov (1972), propusemos a seguinte estrutura textual para a Narrativa Conversacional.

QUADRO 3: Macroproposições do EN
Macroproposições que compõem o Núcleo Narrativo



Macroproposições explicitamente avaliativas envolvidas na passagem entre Sit0 e Sit1

Em termos interacionais, as macroproposições Ataque e Coda asseguram a transição entre a Situação de Enunciação anterior à introdução do EN (Sit0) e aquela que resulta da narração (Sit1). No Ataque é estabelecido o CCN e os interlocutores são constituídos Narrador e Narratário(s); na Coda o mesmo CCN é suspenso e Narrador e Narratário(s) retomam o estatuto de interlocutores.

Em termos configuracionais, em ambas as macroproposições surgem estratégias avaliativas que promovem a conformidade da interpretação do(s) narratário(s) com a intenção ou sentido configuracional do narrado. No entanto, enquanto no Ataque a fonte das referidas estratégias avaliativas é, quase sempre, o narrador, que procura, através de Atividades Preparatórias, motivar o interlocutor a aceitar a Narrativa, na Coda ambos são chamados a avaliar a pertinência do Narrado para a conversação. Por esse mesmo motivo, é recorrente encontrarmos esta macroproposição associada à da Avaliação Final. No presente trabalho debruçar-nos-emos especificamente sobre o funcionamento da Coda e sobre as estratégias referentes à Avaliação Final associadas à ratificação do EN.

2. A Coda e o Contrato Comunicacional Narrativo

No quadro 2 considerou-se um movimento posterior à introdução do EN - M6 - e centrado na negociação da sua relevância para a interação em curso. Denominado Movimento de Ratificação do EN, foram-lhe atribuídas duas possíveis realizações, passíveis de coocorrência: Negociação da Novidade⁴ e Avaliação Final do narrado e da *performance* do narrador. M6 surge, quase sempre, no final da narrativa e, muitas vezes, já no retorno à situação de enunciação anterior ao EN (Sit0).

A par de funções claramente interacionais, como a sinalização da suspensão do CCN e o retorno à distribuição de espaço, tempo e papéis enunciativos anteriores à sua vigência, o Movimento de Ratificação tem uma forte componente configuracional: está em causa a pertinência da realização do EN e a sua mais-valia para a conversação. Por isso o narrador procurará, através de enunciados de cariz avaliativo, sublinhar a intencionalidade do EN, assegurando a compreensão da narrativa como um todo significativo para a interação, ao mesmo tempo que apelará para a sua ratificação pelo interlocutor. Estamos, assim, num espaço de negociação de sentidos em que os Narratários podem exercer o seu direito de pôr em causa quer a pertinência do EN quer a *performance* do Narrador.

Nas páginas seguintes, passaremos a analisar a realização do Movimento de Ratificação do EN, procurando:

- identificar as estratégias discursivo-pragmáticas utilizadas para encerrar o EN;
- realçar as funções configuracionais e interacionais das referidas estratégias.

3. Atividades de Encerramento do EN

Sendo a Narrativa um modo enunciativo orientado para um Desfecho, a realização discursiva desse mesmo desfecho poderia, por si, sinalizar o seu fim. No entanto, em quase todos os exemplos analisados no *Corpus*, há uma

⁴ Em Morais (2011) pudemos observar que um EN como a anedota, por exemplo, pode exigir esta condição para ser reconhecido como pertinente para a Conversação em que é introduzido.

concentração de estratégias avaliativas na reta final do EN que realizam, de formas diversas, a sua conclusão. Essas estratégias estão vinculadas ao Movimento de Ratificação do mesmo e a sua verbalização pode ocorrer em qualquer das macroproposições finais do EN: Resolução, Coda, Avaliação Final, Pós-avaliações.

Tendo excluído a Resolução do escopo deste trabalho, passamos, agora, a uma sistematização das atividades de encerramento identificadas, procurando caracterizá-las através da apresentação e análise de exemplos⁵.

3.1. Fórmulas de Encerramento com Referência Explícita à História

Em primeiro lugar, considerar-se-ão os atos comunicativos que fazem uma referência explícita à história como unidade comentada e encerrada. Estes atos são realizados fora do núcleo narrativo e já no contexto do retorno à situação de enunciação anterior ao EN. Estão, quase sempre, ligados a uma Avaliação Final do narrado e podem ser construídos em colaboração com os interlocutores. Nesse último caso, realizam também o movimento de ratificação do EN.

Observem-se os seguintes exemplos:

(1) *bem / essa pra mim /das &ul [] das histórias o + para mim / foi a coisa + das + &eh / espantosa / não é / espantosa /* [(68-70) C1129 pi-prof⁶]

(2) MAN: *de maneira que é realmente dos casos / mais curiosos /*

XYZ: *é /é //*

MAN: */ que [] dos casos mais curiosos que tenho como: / notário /*

I13: *notário / < hhh /será certamente este > //*

XYZ: *[<] < é / é > //*

[(86-91) A1117 psf-prof⁶]

Nos exemplos acima, gostaríamos de destacar a referência genérica à história, associada a um qualificador superlativo. Refira-se, ainda, a coconstrução da Avaliação Final no exemplo [2] através da confirmação do

⁵ Parte do material aqui apresentado foi trabalhado em Morais (2005) sob uma perspetiva focalizada nas atividades de encerramento de ENs. Aí foram ainda considerados exemplos retirados da macroproposição Resolução.

⁶ A codificação dos exemplos remete para o *Corpus* Morais. A numeração entre parêntesis curvos corresponde aos enunciados 68-70 da transcrição com o código C1129 psf-prof.

enunciado de MAN (narrador), pelos interlocutores XYZ e I13 que, desta forma, realizam também o movimento de ratificação do CCN. No entanto, atos de cariz metacomunicativo deste tipo são pouco comuns no *corpus* analisado.

3.2. Marcadores Conversacionais de Fecho com funções topográficas globais

O marcador conversacional – *pronto* – é o mais utilizado pelos narradores no âmbito da Coda. Através dele é realizada a articulação entre o encerramento de um ato comunicativo adjacente com outros realizados anteriormente. Normalmente esse conjunto corresponde ao segmento tópico que constitui o EN. Observem-se os seguintes exemplos:

(3) ANT: [<] < e ele ficou > *assim / a minha mãe está maluca / < com certeza // não é?*

FER: [<] < *hhh* >

XYZ: [<] < *hhh* >

ANT: / **pronto** //

[(21-25) C630 pi-casa e família]

(4) [...] *de maneira que / a coisa sossegou // e / pronto //* [(119-120) C630 pi-casa e família]

(5) *e: / de maneira que / depois deixou de / de exercer: # / a profissão de padre / pronto //*

[(515) A50-psf-vida social]

(6) **e pronto** // *acabou // < hhh > /*

[(104) C32 pi-profi]

(7) [...] **e pronto** / *fizemos esse esquema // dentro dessa base / pá /*

[(284-285) C866 pi-vida pessoal]

(8) **então pronto** / *fez as contas e foi-se embora //*

[(45) A443 pi-profi]

Como se pode observar nos exemplos acima, o marcador conversacional topográfico – *pronto* – pode, também, operar a um nível mais vasto, articulando o fechamento do ato comunicativo adjacente à esquerda [4 e 6] ou à direita [8] com outros atos realizados anteriormente. Nestes casos é de realçar a sua articulação com os sequenciadores – e – e – *então* – ou com um verbo de aspeto cessativo, como, por exemplo, < acabar > .

Em todos os exemplos [3-8] é possível identificar uma função conclusiva no uso destes marcadores, podendo, mesmo, introduzir ou fazer parte de um enunciado resumitivo⁷ com encapsulamento⁸, como no caso do uso do nome ‘esquema’ em [7] para referir o Resultado do EN. Desta forma o ex-narrador cede a vez ao(s) interlocutor(es) abrindo o espaço de ocorrência para a realização de M6.

3.3. Expressões Vagas funcionando como Sinais de Finalização do EN

Na posição em que ocorrem os marcadores conversacionais acima tratados, podem também surgir Expressões Vagas⁹ com uma função idêntica: fechar o ato comunicativo realizado, sinalizando o encerramento dos acontecimentos/estado de coisas anteriormente referidos e ceder a vez à avaliação do EN pelo(s) interlocutor(es).

Quanto aos exemplos [9], [10], [11] e [12], repare-se no semantismo impreciso e vago que lhes subjaz, revelando que o falante já não tem mais informações a dar sobre o tema tratado.¹⁰ Sendo recorrentes no *corpus*, é possível atribuir-lhes um carácter fixo e um valor conclusivo.

(9) [...] e portanto na questão [] nesta &cois [] na questão de relação com a raparigas
/ **é assim** // [(50) A353 pi-casa e família]

(10)e portanto / a situação / é: / é portanto esta / não é // **é assim** //
[(76-77) A326 psf-profi]

(11)[...] agarrou-se à placa / foi a sorte dela // está a ver // **< e é assim >** //
[(156-159) A965 psf-profi]

⁷ Soares da Silva (2006) refere que em casos deste tipo – e *pronto* – é um conector com um valor conclusivo mais de ordem textual que argumentativa, aproximando-o do “*então*” resumitivo e de outras expressões com valor idêntico, como *em resumo*, *em síntese*.

⁸ O conceito de ‘encapsulamento’ corresponde a uma forma de remissão textual que, através de uma forma nominal, permite recategorizar segmentos precedentes ou subsequentes de texto resumindo-os e encapsulando-os sob um determinado rótulo (Koch, 2005:38).

⁹ Retomamos aqui a proposta de Channel (1994:20) considerando que estamos perante um uso vago da linguagem quando podemos identificar palavras ou expressões que introduzem deliberadamente uma dimensão de incerteza, de falta de precisão, na proposição onde surgem. Para um desenvolvimento deste conceito aplicado a outros exemplos e funções ver Morais (2008).

¹⁰ Rodrigues (1998: 78 e seg.) inclui este tipo de marcadores nos Sinais Conversacionais de Cedência de Vez, aproximando-os das estratégias de desfocalização de Kallmeyer (1978), na medida em que afastam a atenção do ouvinte do tema ou foco da ação.

(12)FER: [<] < são muito unidos > // andam sempre juntos // hhh /

PRI: andam // **é sempre assim** //

FER: sim senhor //

PRI: **e passamos a vida assim** / menina // [(118-122) C22 pi-casa e família]

Em relação à Expressão Vaga – *é assim* – é necessário ainda referir o seu valor enquanto défítico textual, resumindo, de uma forma anafórica, um segmento textual que o locutor considera enquanto unidade e que pretende encerrar, mas que continua acessível aos interlocutores porque presente na sua memória imediata.

Enquanto em [9] – *é assim* – refere a narrativa que ilustra a forma como o personagem age nas suas relações com raparigas, sendo parafraseável por – **é como eu contei** –, em [12], a expressão – *é sempre assim* – parece resumir a conclusão final do EN.

No exemplo [10], a Coda é introduzida pelo marcador argumentativo com valor conclusivo – *e portanto* – sendo o Resultado da narrativa referido pelo nome genérico de encapsulamento – *situação* – e pelo anafórico demonstrativo – *esta*. A expressão – *é assim* – parece ter aqui uma função meramente topográfica como sinal de fecho. O mesmo pode ser aplicado em relação ao – *e é assim* – do exemplo [12].

Assim – pode também fazer parte de uma Expressão Avaliativa com Valor Conclusivo, como é o caso da sua segunda ocorrência em [12] – *e passamos a vida assim / menina //*. Na próxima alínea considerar-se-á este tipo de expressões.

3.4. Expressões Avaliativas

3.4.1. Expressões Avaliativas com Valor Conclusivo

No seio das macroproposições Avaliação Final e Coda, ocorrem Expressões Avaliativas com valor Conclusivo¹¹ que surgem, normalmente,

¹¹ O uso de expressões deste tipo nas macroproposições Avaliação Final e/ou Coda já foi destacado em estudos sobre outros *corpora* linguísticos. Assim, McCarthy & Carter (1994: 108-114) registam a ocorrência frequente de expressões idiomáticas em narrativas orais e salientam o seu valor avaliativo para toda a unidade textual em que se inserem.

como unidades autónomas e suscitam uma reação de empatia por parte do interlocutor. Através delas são realizados juízos de valor sobre conteúdos da história narrada – personagens (ver ex. 17 e 19), acontecimentos (ver ex. 14 e 15), resultado (ver ex. 16) –, sobre o EN na sua globalidade (ver ex. 13 e 18) ou sobre o próprio narrador e a sua *performance* (ver ex. 20). Nestas expressões estão incluídas, também, locuções interjetivas (ver ex.13) e fraseologias em sentido lato que realizam a mesma função de conclusão.

As avaliações aqui consideradas, realizadas a partir de Sit0, podem também ter como fonte responsável um dos ex-narratários. No exemplo [19] é a interlocutora que faz uma avaliação final do narrado e da ação da personagem principal, indo ao encontro da intenção comunicativa que subjazia ao EN. No exemplo [20], é a narradora que, de uma forma irónica, é avaliada pelo conteúdo da Anedota que acabou de contar.

O grau de fixidez das expressões em causa varia num eixo que vai da colocação (combinatória usual de duas ou mais palavras sujeita a algumas restrições lexicais) à expressão fixa (enquanto grupo de palavras estável com significado próprio que não resulta da soma dos significados de cada um dos elementos que o compõem). Vejam-se os exemplos seguintes:

- | | |
|---|--------------------------------|
| (13) <i>meu deus do céu /</i> | [(68) C1129 pi-profi] |
| (14) <i>ai Jesus / é uma coisa impressionante //</i> | [(82) C1129 pi-profi] |
| (15) <i>olha / foi um gozo / pá //</i> | [(61) C22 pi-casa e família] |
| (16) <i>foi uma barraca de todo o tamanho //</i> | [(66) C22 pi-casa e família] |
| (17) <i>olha / parecia que lhe tinham dado o céu //</i> | [(142) C22 pi-casa e família] |
| (18) <i>essa é que eu achei mais piada //</i> | [(176) A390 pi-casa e família] |
| (19) <i>um ponto //</i> | [(110) A475 pi-casa e família] |
| (20) <i>hhh / que horror / que má //</i> | [(250) A479 pi-casa e família] |

3.4.2. Expressões Avaliativas Interativas

A Avaliação Final do EN pode também ser realizada através de expressões que apelam explicitamente a uma ratificação positiva do EN. Nestes casos, o narrador interpela diretamente os interlocutores buscando a sua adesão para os sentidos construídos no EN. No exemplo 21 são realizadas duas Avaliações Finais adjacentes, a primeira da responsabilidade da narradora e a segunda da narratária. Repare-se na consonância entre ambas. Em termos interacionais, este ‘convite’ expresso à participação dos interlocutores, cedendo-lhes a vez, permite o retorno à situação de enunciação inicial e às suas coordenadas contextuais.

Observe-se o seguinte exemplo:

(21) ROS: ***ora parece impossível // quem é que faz uma coisa destas?***

FER: ***que disparate //***

ANT: *XXX deve ser maluca //*

[(32-34) C528 pi-casa e família]

3.5. A Repetição

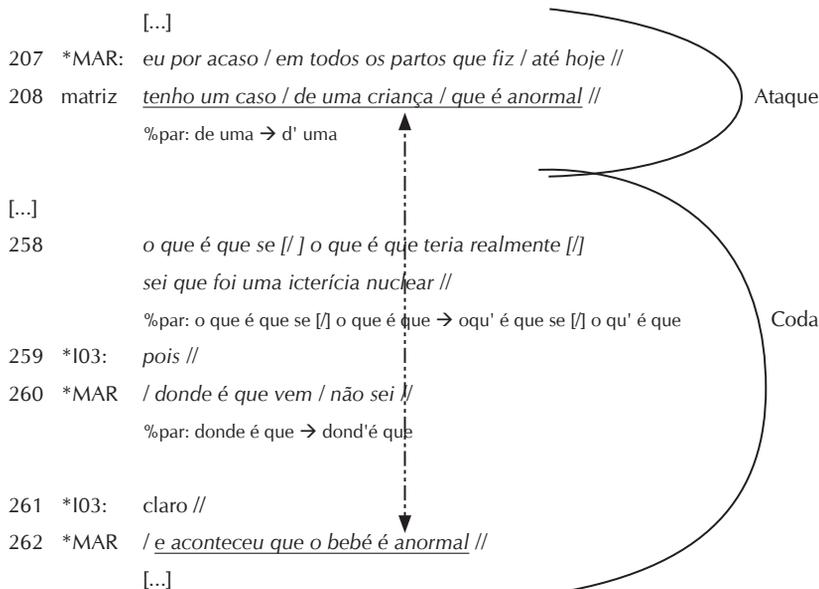
A Repetição é uma estratégia central na organização do texto oral que, quando realizada no encerramento do EN, pode ter funções intensificadoras e conclusivas. Assim, a sua realização tanto pode dar relevo a enunciados específicos, sublinhando-os, como revelar a inexistência de mais informação sobre o tópico em desenvolvimento e apontar para a cedência de vez. Normalmente a matriz da repetição corresponde a um enunciado-chave do EN: uma tese que deu origem ao mesmo, o seu resumo introduzido no Ataque, partes do gatilho ou do clímax da ação, ou uma avaliação local ou final.

3.5.1. Repetição e Paráfrase de elementos do Ataque

Na estrutura do EN, a Repetição e a Paráfrase de elementos do Ataque podem funcionar como Marcadores de Enquadramento, sinalizando o encerramento da unidade discursiva narrativa.

Em termos interacionais, estas Repetições ou Paráfrases funcionam, quase sempre, como estratégias de cedência de vez. Observe-se o exemplo [22].

(22) A396 psf-profi



No exemplo anterior é possível verificar que o EN é encerrado com uma paráfrase do resumo da história que havia sido introduzido no Ataque. Esta paráfrase revela, pela saturação informacional da mesma, que o narrador nada mais tem a acrescentar sobre os factos narrados.

No exemplo [23] a Coda resume a narrativa com que *MAR respondeu à questão mencionada no Ataque do EN. Assim, retoma-se o *input* que deu azo à introdução de um novo tópico conversacional – a razão do nome *Chez Lapin* – para encerrar, sublinhando-a, a explicação que o EN transporta.

(23) C251psf-profi

22	*MAR:	<i>bem / para mudar para o ChezLapin //</i> <i>%par: para → p'ra</i>	Ataque
23		<i>para lhe justificar / porque é que foi / que se pôs o nome estrangeiro //</i>	
24	matriz	<i>não foi porque se fosse buscar o nome estrangeiro //</i> <i>[...]</i>	
40		<i>o meu marido lembrou-se dessa coisa //</i>	Coda
41		<i>e então ficou sendo ChezLapin //</i>	
42		<i>foi por isso //</i>	
43	paráfrase	<i>não foi para tirar o nome português //</i>	
44		<i>< foi a [] pela força das circunstâncias / que mudámos o nome > //</i>	

Repare-se, ainda, na paráfrase do enunciado (24) através do (43), bem como no uso do demonstrativo anafórico em (42) que retoma a explicação dada e anuncia o Resumo avaliativo do mesmo em (44).

3.5.2. Repetição de Enunciados-chave do Núcleo Narrativo

A repetição de enunciados-chave do núcleo narrativo é uma estratégia comum no *corpus* analisado. Através dela o locutor associa uma função conclusiva ao intuito de sublinhar os conteúdos informacionais centrais do EN.

No exemplo seguinte ocorre uma repetição do enunciado-chave do Clímax da história:

(24) A390 pi-casa e família

		[...]	
51	BEA:	<i>e diz-me ela assim //</i>	Ação
52		<i>ah / você traz férias / mas eu estou farta de trabalhar / e não / não recebi nada //</i>	
		%com: ah -marcador conversacional topográfico de abertura; %par: estou → 'tou ; %par: todo o enunciado é dito num outro tom (encenação).	
53	climax	<i>e eu digo //</i>	
54	matriz	<i>sim senhora / quem me dera estar em casa //</i>	Coda
		%par: estar → 'tar	
55		<i>então não é?</i>	
56	repetição	<i>quem me dera poder estar em casa / para fazer as minhas coisas //</i>	

Repare-se que, na segunda ocorrência (54), o enunciado optativo em causa deixa de ser dirigido à personagem oponente e passa a ter como alvo a interlocutora, promovendo, assim, o retorno à situação de enunciação inicial.

3.5.3. Intensificação da Adjetivação em Posição Final de Avaliação

A sequência e repetição de adjetivos qualificativos adjacentes com um valor enfático, como se verifica nos exemplos [25-26], funciona, em primeira instância, como uma forma de intensificação. No entanto, a sua leitura deve ser alargada à função textual, de cariz coesivo, que realizam no EN de origem. Assim, a reiteração de uma avaliação já feita num turno anterior, utilizando o mesmo lexema e a mesma estrutura binária, aponta para uma saturação informativa e para um “esgotamento” do tema. Pode-se então falar de uma estratégia de encerramento da unidade a que se refere e de cedência

de vez. Repare-se, ainda, na alternância de locutores e na ‘comunhão’ existente entre as avaliações proferidas, textualmente realizada através do recurso a repetições-eco que correspondem a formas de ratificação do EN e da sua intencionalidade.

- (25) JEN: *espantosa / não é / espantosa //* (matriz)
I13: *saborosa /* (matriz)
JEN: *mesmo saborosa // e / e / e pronto //*(repetição)
[...]
é / é // é espantosa # // é espantosa # // (repetição) [(68-87) C1129 pi-prof]

No exemplo seguinte, a repetição ocorre na Avaliação Final, sendo facilmente detetáveis ambas as funções acima referidas:

- (26) *ai foi uma coisa horrorosa // passei aquele + ai foi uma coisa horrorosa //*
[(125-127) A264 psf-prof]

Destaque, ainda, para o caráter hiperbólico das expressões predicativas mencionadas, claramente associado aos propósitos narrativos do texto que encerram.

3.6. Marcas de Pedido de Acordo

Ainda dentro da Negociação do Sentido Global da Narrativa, há que realçar todos os sinais conversacionais que, a par da sua função interativa, têm um valor modal volitivo e uma função de envolvimento do interlocutor, na medida em que procuram influenciar o seu comportamento. Seguiu-se, aqui, a divisão proposta por Rodrigues (1998), entre Marcadores Conversacionais de Pedido de Retorno e Sinais de Reforço Informativo, apesar de termos consciência da artificialidade da sua aplicação a unidades cuja característica central é a sua polifuncionalidade. Mesmo nos casos em que não existe a emissão de um sinal de retorno por parte do interlocutor, o que parece apontar para uma realização que refocaliza o enunciado anterior (ver exemplo [28]), não se pode deixar de considerar a função apelativa destes marcadores que revelam a vontade de influenciar a forma como o interlocutor interpreta o que foi dito. A Pergunta-tag – *não é* – do

exemplo [27], é um desses casos de fronteira: suscita um retorno por parte do interlocutor, mas também sublinha a avaliação anterior – *espantosa* –, que será reforçada através da Repetição.

Estratégias idênticas são realizadas por perguntas avaliativas com valor retórico, que convidam os interlocutores a partilharem as convicções que veiculam (ver, atrás, o exemplo [21]).

3.6.1. Marcadores Conversacionais de Pedido de Retorno

(27) JEN: *foi a coisa + das + &eh / espantosa / não é / espantosa //*

113: *saborosa /*

JEN: *mesmo saborosa // e / &eh / e pronto // [...]* [(69-73) C1129 pi-profi]

3.6.3. Marcadores Conversacionais de Reforço Informativo

(28) *eu / eu achei que / que era duma / duma + mas / mas é que / é que realmente / a causa por que elas fazem isso / não é / pela / pela causa do ensino / é:: / tem & jus / tudo tem justificação / não é // e depois aquela ingenuidade / porque não / não se pode chamar outra coisa / não é // em mulheres licenciadas / porque / poucas são aquelas que não têm dois cursos / não é // em mulheres licenciadas / porque / poucas são aquelas que não têm dois cursos, / não é // poucas // portanto mulheres universitárias / licenciadas / etc. // e que acham / enfim / que está xxx de acordo // eu não compreendo / como é que elas / não entendem / tudo / tudo / o ridículo da situação // é uma coisa impressionante //*

[(58-61) C1129 pi-profi]

Neste conjunto de pós-avaliações realizadas pela narradora, já a partir da Sit0, observe-se que quase todos os enunciados são finalizados com a Pergunta-tag – *não é* – . Através do seu uso a locutora sublinha o juízo de valor que acaba de realizar, ao mesmo tempo que apela à cumplicidade avaliativa dos interlocutores.

3.6.4. Marcadores Argumentativos com Valor Conclusivo

Ainda em torno das macroproposições Avaliação Final e Coda foi possível identificar alguns Marcadores Argumentativos com Valor Conclusivo, que

sinalizam a conclusão do EN. O seu uso sublinha, normalmente, a ‘moral da história’ (ver ex. 31 e 32) e/ou revela o esgotamento informacional do tópico (ver ex. 34). Esses marcadores podem ser construídos:

i. com lexemas de cariz metacomunicativo como em [30]

(30) *não // em conclusão +* [(117) A560 pi-vida pessoal]

ii. com conectores discursivos

(31) *de maneira que / a coisa sossegou // e / pronto //* [(119-120) C630 pi-casa e família]

(32) *[...] portanto / &eh: / o ciclo aqui é mau //* [(53) A347-pi profi]

(33) *portanto / assim consegui / digamos / preencher aquele / vácuo / que eu sentia //*
[(76-78) A398 psf-profi]

(34) *portanto isso foi o primeiro de Maio //* [(59) A1084 psf-vida social]

3.7. Linguagem Vaga

Na aproximação do final do EN é possível identificar um recurso acrescido a palavras e expressões vagas que indiciam um esgotamento progressivo de informações sobre o tópico do EN. A par do uso de expressões que funcionam localmente, como – *é assim* – (com um valor de marcador conversacional topográfico final), pode observar-se esse esvaziamento informacional em segmentos de texto mais longos que realizam as macroproposições Coda e/ou Avaliação Final e Pós-Avaliações. Observe-se o exemplo [35].

(35) *e / e sem ser com americanos / com outros mais / sucederam < as mesmas coisas / não é >* [(146) C48 psf-vida pessoal]

No final do segundo EN sobre o mesmo tópico – a convivência no campismo – o narrador procede a uma Avaliação Final comum a ambos os ENs com que pretende reafirmar a tese que lhes deu origem na conversação: quando faz campismo gosta, sobretudo, de conviver. Repare-se no uso do indefinido – *outros mais* – para referir potenciais personagens de narrativas idênticas à que concluiu, bem como a substituição dos acontecimentos

ocorridos pela palavra vaga – *coisas* – no sintagma nominal – as *mesmas coisas*. Desta forma o locutor, para além de marcar o carácter iterativo das ações assim referidas, sinaliza a falta de novidade que a possível narração de episódios idênticos transportaria. Ao mesmo tempo, acentua o valor exemplificativo do EN que introduziu na conversação.

4. Conclusões

Como foi referido anteriormente, enquanto texto sequencial orientado para um desfecho, o encerramento da narrativa pode, simplesmente, corresponder ao desenlace da ação. Além disso, a interpretação da sequência de acontecimentos, dentro de uma lógica de contraposição entre a Situação Inicial e Situação Final facilita a identificação do momento da sua conclusão. Esta característica específica da Narrativa permite a qualquer narrador terminar a sua história logo após a Resolução da intriga, cedendo a vez ao interlocutor ou passando de imediato a um novo ato comunicativo. No entanto, a análise do *corpus* Morais (2011) só nos permitiu atestar um único caso em que o narrador se limita a realizar a dimensão sequencial da narração. Concluímos, assim, que a análise de Narrativas Conversacionais não pode ser realizada apenas dentro do texto que verbaliza a sequência de acontecimentos narrados, mas tem que considerar o contexto e cotexto da sua realização, com destaque para os conteúdos avaliativos que preenchem as macroproposições de fronteira do EN: Ataque e Coda.

Sendo o encerramento da Narrativa o momento crucial para julgar sobre a sua pertinência em relação à situação de interação, podemos encontrar, a par da Avaliação Final, toda uma série de Pós-avaliações que buscam esclarecer o sentido e explicitar o valor do narrado, procurando obter, assim, a adesão do narratário à intencionalidade que lhe subjaz. Para a sua concretização foram ativadas, em todos os ENs analisados, estratégias discursivo-pragmáticas como Expressões Avaliativas com valor Conclusivo e/ou Interativo, Repetições e Paráfrases, e Formas de Intensificação de Predicados bem como Marcas de Pedido de Acordo e Adesão ao narrado. Normalmente, estes procedimentos são realizados já fora do espaço diegético da narrativa, no quadro da macroproposição Coda e a complexidade da sua execução está diretamente relacionada com a preocupação do narrador

em assegurar a conformidade da interpretação do narratário com a ordem configuracional do narrado.

Ao mesmo tempo identificámos um conjunto de elementos textuais que têm, claramente, uma função de encerramento do ato comunicativo anterior. Referimo-nos quer a fórmulas de Encerramento com Referência Explícita à História, quer a Marcadores Conversacionais de Fecho com funções topográficas globais, quer a Marcadores Conversacionais Argumentativos com valor Conclusivo.

Por último, foi ainda possível identificar um conjunto de usos de Linguagem Vaga que apontam no mesmo sentido, revelando a saturação do tópico introduzido através do EN e a vontade de ceder a vez ao(s) interlocutor(es).

Concluindo, o domínio do espaço enunciativo que resulta da introdução do CCN e da abertura de um novo quadro de participação na conversação que favorece um dos interlocutores e cria constrangimentos ao direito e às formas de tomada de vez dos restantes, é temporário e relativo. No final do EN o recém constituído narrador é obrigado a conceder ao(s) seu(s) ouvinte(s) o direito de, em última instância, ratificar (ou não) a sua realização. Para, de alguma forma, condicionar o uso desse direito e salvaguardar a sua face negativa vai associar às fórmulas de encerramento do turno narrativo todo um conjunto de elementos de cariz avaliativo e argumentativo com que pretende sublinhar a pertinência e relevância do ato comunicativo em causa.

REFERENCES

- Adam, J.-M. 1985. *Le Texte Narratif*. Paris: Ed. Nathan Université.
- Adam, J.-M. 1990. *Éléments de Linguistique Textuelle*. Liège: Mardaga.
- Almeida, C. 2005. *Discurso radiofónico português: padrões de organização sequencial, actos e estratégias de discurso, relações interactivas e interlocutivas*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Aberta.
- Brés, J. 1994. *La Narrativité*. Louvain-la-Neuve: Éditions Duculot.

- Channell, J. 1994. *Vague Language*. Oxford: Oxford University Press.
- Charaudeau, P. 2006. Un modèle socio-communicationnel du discours. Entre situation de communication et stratégies d'individuation. In: *Médias et Culture. Discours, outils de communication, pratiques : quelle(s) pragmatique(s)?*. Paris: L'Harmattan. <http://www.patrick-charaudeau.com/Un-modele-socio-communicationnel.html>
- Georgakopoulou, A. 1997. *Narrative Performances. A study of Modern Greek storytelling*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Kallmeyer, W. 1978. Fokuswechsel und Fokussierungen als Aktivitäten der Gesprächskonstitution. In: Meyer-Hermann, R. (Ed.), *Sprechen – Handeln – Interaktion*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 191-241.
- Koch, I. V. 2005. Referenciação e orientação argumentativa. In: Koch, I. V. & E. Morato, A. Bentes (Ed.), *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Ed. Contexto, 33-52.
- Labov, W. 1972. *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- McCarthy, M. & Carter, R. 1994. *Language as Discourse. Perspectives for Language Teaching*. London: Longman.
- Morais, A. 2004a. Ainda ontem aconteceu uma coisa muito engraçada. A introdução de enunciados narrativos em situação de interação oral. In: Soares da Silva, A. & Torres, A., Gonçalves, M. (Ed.), *Linguagem, Cultura e Cognição. Estudos de Linguística Cognitiva*. Vol. II. Coimbra: Almedina, 459-476.
- Morais, A. 2004b. Olhe, conto-lhe uma história se a quiser ouvir. O Contrato Comunicacional Narrativo. In Freitas, T. & A. Mendes (Ed.), *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: A.P.L., 595-605.
- Morais, A. 2005. E pronto - estratégias discursivo-pragmáticas de encerramento em enunciados narrativos produzidos em situação de interação oral. In Duarte, I. & I. Leiria (Ed.), *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: A.P.L., 731-735.
- Morais, A. 2008. E coiso e tal – algumas considerações sobre o uso de linguagem vaga em enunciados narrativos orais. In S. Frota & A. Santos (Ed.), *Actas do XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: A.P.L., 359-371.
- Morais, A. 2011. *Narrativas Conversacionais, A Introdução de Enunciados Narrativos em Situação de Interação Oral*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Aberta.
- Norrick, N. 2000. *Conversational Narrative, Storytelling in Everyday Talk*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Quasthoff, U. 1980. *Erzählen in Gesprächen: linguistische Untersuchung zu Strukturen*

*und Funktionen am Beispiel eine Kommunikationsform des Alltags.*Tübingen: Gunter Narr Verlag.

Rodrigues, I. G. 1998. *Sinais Conversacionais de Alternância de Vez.* Porto: Granito Editores e Livreiros.

Rodrigues, I. G. 2003. *Fala e movimento do corpo na interação face a face. Estratégias de reparação e (des)focalização e co-funções conversacionais na manutenção da vez.* Dissertação de Doutoramento. Universidade do Porto.

Soares da Silva, A. 2006. *O Mundo dos Sentidos em Português. Polissemia, Semântica e Cognição.* Coimbra: Almedina.

Tannen, D. 2000 [1989]. *Talking Voices: Repetition, Dialogue and Imagery in Conversational Discourse.* Cambridge: C.U.P.

